

PRÁTICAS DE LEITURA NA ESCOLA: PERSPECTIVAS, REPRESENTAÇÕES E FORMAÇÃO

LAS PRÁCTICA DE LECTURA EN LA ESCUELA: POSIBILIDADES, REPRESENTACIONES Y FORMACIÓN

*Manuela Cunha Peixinho**

RESUMO: Refletir sobre as práticas de leitura na sala de aula é fundamental para compreender o atual quadro brasileiro de alto índice de analfabetismo, alunos que não gostam de ler e professores desestimulados. Esse artigo tem por finalidade instigar a reflexão acerca da importância da representação de leitura e leitor do professor das séries iniciais, já que suas práticas refletem suas concepções. As tradições orais e escritas devem ser consideradas como práticas de leitura a serem desenvolvidas também no ambiente escolar, sem valorização de uma em detrimento da outra. A leitura literária para alguns é somente uma forma de ampliar conhecimento, outros se transpõem para o mundo ficcional através da imaginação e identificação com personagens, outros tantos lêem na escola apenas como uma obrigação. Assim, o papel do aluno-leitor e algumas representações de leitura também são aspectos discutidos nesse trabalho. É abordado um breve histórico comparativo entre os cenários do passado tradicional e do “presente” renovador dos valores da sociedade que, conseqüentemente, influenciam na escrita literária, inclusive na infantil, bem como na concepção de aluno e de leitor do docente. Esse artigo é indicado a todos os professores, em especial o de séries iniciais, bem como os estudiosos no campo da leitura e formação do leitor. Dessa forma, é de suma importância manter aberto o diálogo sobre a relação entre leitura e escola, a fim de que o professor torne-se um mediador entre o texto e o aluno-leitor, considerando a leitura no seu sentido mais amplo, e assim faça do ato de ler uma prática de fruição, interpretação e partilha entre o escrito, o leitor, o professor e a turma.

Palavras-chave: Leitura. Representação. Leitor. Docente. Escola.

RESUMEN: Reflexionar sobre las prácticas de lectura en el aula es una clave a entender el contexto brasileño actual de alta tasa de analfabetismo, los estudiantes que no les gusta leer y profesores desanimados. Este artículo es destinado a instigar la reflexión sobre la importancia de la representación de la lectura y del jugador del profesor de la serie inicial, ya que sus prácticas reflejan tu vista. Las tradiciones orales y escritas deben ser considerados como prácticas de lectura que se desarrollarán también en el entorno escolar, sin la valoración de uno sobre el otro. La lectura literaria para algunos es sólo una manera de ampliar los conocimientos, otros se transponen al mundo de ficción a través de la imaginación y la identificación con los personajes, ya que muchos de lectura en la escuela sólo como una obligación. Así, el papel de la estudiante-lector y algunas representaciones de la lectura son también aspectos analizados en este trabajo. Una breve historia comparativa entre los escenarios del pasado tradicional se dirige y el "regalo" renovar los valores de la sociedad que por lo tanto influyen en la escritura literaria, incluidos los niños, así como en el diseño de alumno y maestro del lector. En este artículo se indica a todos los maestros, especialmente los primeros grados, así como eruditos en el ámbito de la formación de lectura

¹ Doutoranda em Literatura e Cultura (UFBA); docente do Instituto Federal da Bahia (IFBA). manuelapeixinho@yahoo.com.br

y el lector. Por lo tanto, es muy importante para mantener un diálogo abierto sobre la relación entre la lectura y la escuela, para que el profesor se convierta en un mediador entre el texto y el alumno-lector, mientras la lectura en el sentido más amplio, y así hacer el acto de la lectura un disfrute, interpretar y compartir entre la escritura, el lector, el profesor y la clase.

Palabras clave: Lectura. Representación. Lector. Profesor. Escuela.

1 INTRODUÇÃO

É notório que há um alto índice de crianças e adultos que não sabem decodificar os signos escritos no Brasil, além dos analfabetos funcionais, que são os indivíduos que sabem decodificar os signos lingüísticos, mas não conseguem compreender as ambigüidades e entrelinhas do texto. Segundo o Ibope, 75% (apud AZEVEDO,2004) dos indivíduos acima de 15 anos não possuem o domínio pleno da leitura e da escrita. Para Azevedo (2004), os leitores são pessoas aptas a utilizar textos em benefício próprio, independente da intencionalidade da leitura, seja ela por mero prazer estético, para obter conhecimento, motivos religiosos etc.

Podemos pontuar algumas possíveis causas para esses dados alarmantes sobre a leitura. “As escolas são inadequadas, poucos livros são vendidos, mal se lê no Brasil. Comentários pejorativos sobre a cultura letrada local incorporam-se ao senso comum, não requerendo mais qualquer tipo de comprovação” (ABREU, 2001, p.141). Deve-se levar em consideração também quando se afirma que o Brasil é um país de não-leitores, quem seria o real leitor. Por vezes, são desconsideradas as leituras não-canônicas, por serem representadas como inferiores ou não-literatura. Assim, Abreu (2001, p. 152) afirma que:

O desconhecimento das práticas efetivas de leitura realizadas no Brasil- ou sua negação – tem promovido equívocos desta natureza e fomentando uma mitificação da leitura associado-a a práticas [...] com todos os elementos que lhe são agregados: a idéia de conforto, intimidade, saber, tranqüilidade, prazer.

A sacralização da leitura, bem como sua redução a apenas a leitura dos textos canônicos, faz com que sociedade desconsidere os múltiplos modos de ler. Pode-se ler um desenho, um quadro, a expressão corporal, por exemplo. Considerando o suporte escrito, lê-se um livro de Machado de Assis, gibis, poemas, contos, um blog de internet etc. Sendo assim, verifica-se que a leitura não se resume ao suporte escrito e a escola deve estimular o aluno a interpretar o que se lê, não somente “cobrar” leitura dos clássicos com fins didáticos.

Esse artigo tem por finalidade instigar a reflexão acerca da importância da representação de leitura e leitor do professor das séries iniciais, já que suas práticas refletem

suas concepções. As tradições orais e escritas devem ser consideradas como práticas de leitura que devem ser desenvolvidas também no ambiente escolar. A função da leitura e o papel do leitor também são aspectos discutidos nesse trabalho.

2 A LEITURA E ORALIDADE: PRÁTICAS DE LEITURA

A cultura escrita é representada pelo ambiente “civilizado”, moderno, enquanto a oralidade simboliza as culturas ágrafas. Esta última, quase sempre é associada à vida coletiva, familiar e social; ao pensamento ficcional fantástico; a valorização da tradição e da sabedoria passada pelas gerações baseado na experiência prática em oposição à informação tão prestigiada na escrita. De um lado, na cultura escrita, valoriza-se a impessoalidade, imparcialidade, de outro a oralidade prioriza vínculos pessoais, emoção e elos. Por mais antagônicos que pareçam, ambos são processos vivos, não estáticos e que ocorrem, por vezes, simultaneamente.

A concepção de leitura modificou-se ao longo dos séculos. Tempos atrás, a leitura era feita em voz alta, sendo um ato de socialização e além do mais, permitia o contato do conteúdo dos escritos aos iletrados. Como, por exemplo, no século IV d.C. em que Santo Agostinho acreditava que não se poderia ler com a *língua quieta*. Era tão difundido a prática da leitura oral que o francês Lê Texier escreveu um manual intitulado *Petit Cours de Littérature, à l'usage de la jeunesse de l'um et t'autre sexe* (século XVIII), o qual definia a leitura sendo a arte de bem ler e de dizer aquilo que está escrito. Desta forma, ele considerava um ato de ler não só a leitura silenciosa, mas a partilhada pela oralidade também. No século XIX a leitura oral se tornou uma forma de mobilização social e política, restringindo sua prática aos sermões da igreja, aos tribunais e para controlar a qualidade da leitura silenciosa das escolas (ABREU,2002).

A tradição oral faz parte da vida de grande parte da população, seja por ter parentes analfabetos que utilizam a oralidade como suporte de seu discurso, ou como fonte de tradição. Muitas vezes quando a criança chega à escola, depara-se com um ambiente marcado pela objetividade, pragmatismo e pensamento analítico da cultura escrita. Assim, os alunos que vieram de um lar marcado pela forte presença da tradição oral sentem mais dificuldade do que uma criança que venha de pais alfabetizados e que disponibilizou na infância acervos escritos. A escola, muitas vezes, não se propõe a encontrar um meio menos agressivo de apresentar o mundo da escrita aos seus alunos. Dessa forma, ela impõe a cultura letrada em detrimento da oralidade.

O modelo oral, diferente do que pensam muitas escolas, é um precioso conjunto de formas literárias populares. Ao valorizar tais possibilidades e utilizá-las no processo de alfabetização, principalmente no caso de pessoas vinculadas de alguma forma a tradição oral, torna o estudo da escrita mais suave do que a imposição atual. A ponte entre o modelo culto e o popular durante o processo de alfabetização pode adquirir novo significado, aproximando o aluno do seu aprendizado através da identificação e de um sentimento de inclusão por levar em consideração a cultura pré-existente.

3 A LEITURA DO SUPORTE ESCRITO: O LIVRO E A ESCOLA

O livro tem um papel formativo, tanto pelo convívio leitor/ livro quanto pelo diálogo leitor/texto. Nessa perspectiva, a escola é um “espaço privilegiado” (COELHO, 2002, pg.16) para trabalhar a formação do indivíduo, valorizando os estudos literários que estimulam a mente, a percepção do real em suas várias significações, além de construir uma consciência identitária, ampliando a leitura de mundo e os conhecimentos lingüísticos. Considerar, contudo, que o educandário é um espaço de construção do indivíduo não significa reduzi-lo a instituição disciplinadora e imobilista. Essa valorização do espaço-escola “deve ser, ao mesmo tempo, *libertário* (sem ser anárquico) e *orientador* (sem ser dogmático) para permitir ao ser em formação chegar ao seu *autoconhecimento* e ter *acesso ao mundo da cultura* que caracteriza a sociedade que ela pertence”. (grifo da autora) (COELHO, 2002, p.17). Dessa forma, o professor deve orientar a leitura em três direções:

- Como leitor: atento na leitura
- Como cidadão: trabalhando a realidade social
- Como docente

Para um projeto de ensino de estudo literário escolar, Coelho (2002) estabelece sete premissas a serem consideradas na educação inicial:

1) A criança é um “ser educável” (COELHO, 2002, p. 17). Assim como todo ser humano durante seu ciclo de vida, ela é um aprendiz de cultura.

2) A literatura é uma experiência existencial/ social/ cultural o que resulta num “fenômeno de linguagem”.

3) Devem-se considerar as relações entre literatura, história e cultura (um é produto e agente influenciador do outro). A história e a literatura dialogam, sendo difícil o estabelecimento de fronteiras. A realidade apresentada em um texto literário é a parcela de

ficção da história não permite uma dissociação dicotômica desses conceitos. Já a cultura permeia ambos, pois eles são reflexos da sociedade em cada época.

4) Considerar a leitura como um diálogo entre leitor e autor. O texto não existe sem o preenchimento das lacunas pelo leitor.

5) Entender a leitura como “ato-fruto” da leitura compreendida e/ou da criatividade do leitor. Nessa perspectiva é considerada a polissemia do texto literário.

6) Os meios didáticos devem ser neutros, segundo Coelho (2002). Contudo, não se pode perder de vista que não existe texto sem uma intencionalidade e que ele é reflexo das concepções do autor.

7) A escola como alicerce do processo de auto-realização vital/ cultural.

4 A LEITURA ESCOLAR E O TEMPO: PERSPECTIVAS E REPRESENTAÇÕES

Uma pergunta importante para reflexão ao se destacar a relação de leitura e escola é qual a função da leitura? A idéia de ler para ampliar conhecimentos é uma imagem pragmática da leitura, como se esta fosse algo produtivo e não como fim em si mesma. Na realidade, essa é a visão mais comum sobre a leitura. Bem como Ferreira (2001) comprovou esta visão em muito dos seus alunos, pode-se perceber que a maioria das pessoas encara a leitura somente do ponto de vista didático, sendo assim leitores-aprendizes. Porém, existe o leitor que faz apologia ao prazer de ler e contesta o discurso da obrigação. Tem-se também o leitor-viajante, que busca na leitura uma forma de viver uma fantasia se isolando da realidade, “encarnando” os personagens do livro. Além destes leitores, existe, segundo a mesma autora, o leitor autêntico que lê por paixão. Paradoxalmente, há a leitura por obrigação. Este leitor-escolarizado ou leitor-aluno ou leitor-não leitor lê apenas para cumprir obrigações para com a sua instituição de ensino ou não lê por achar que tem coisas mais importantes a fazer. Este aluno é o que mais incomoda ao professor, pois este acaba crendo que sua metodologia educacional é falha. Pode-se ler para socializar, como quando uma criança pequena que ainda não sabe ler ouve as histórias da sua família como se fossem livros orais. Alguns educandos acreditavam que os livros por si só exerciam o poder mágico de atrair o leitor, porém com o passar do tempo descobriram que ninguém nasce sabendo ler, isto é um processo de aprendizagem, ou melhor, de formação do leitor.

O ensino da literatura nas séries iniciais, assim como a mentalidade social, modificou-se ao longo do tempo. Os “valores tradicionais” do século XIX deram lugar aos “valores novos”, conseqüentemente as temáticas e peculiaridades formais não são as mesmas. Nelly

Coelho (2002) descreveu brevemente esses valores, considerando dez aspectos. No tradicional, tudo gira em torno do indivíduo. Apesar dos ideais generosos visarem o bem coletivo, o **individualismo** competitivo se transformou no poder de poucos. A **obediência absoluta** às autoridades e aos valores era necessária. Para tanto, vê-se a rigidez de limites entre o certo e o errado, bom e mau. A **moral dogmática** é maniqueísta e todo erro se paga com o castigo e o acerto com a absolvição. Um dos pecados estigmatizados pela sociedade com base religiosa é o **sexo**, especialmente quando se fala das mulheres. Este era um assunto que não era encarado como um ato natural, sendo acobertado e considerado apenas na procriação. A sociedade além de sexófoba era também **racista**, esse quadro se ilustra ao verificar a separação entre brancos e negros nos livros infantis. Além disso, o **sistema social** tradicional valoriza o ter (posse, recurso atingidos através do trabalho, ou principalmente herdados) ao fazer e ao ser. O **passado** é reverenciado como modelo a ser seguido, canonizando certos autores. A **concepção de vida** é como uma passagem por um mar de sofrimentos para que as pessoas resgatem, como a igreja católica prega, sua culpa original. Além da base religiosa, esse sistema é alicerçado no **racionalismo**. Esse excesso de razão faz com que a escola encare a **criança** como um “adulto em miniatura” (COELHO, 2002, p.23) que deve sair o quanto antes da fase infantil através da disciplina e punição dos erros.

Nos moldes novos, os valores são diferentes. No lugar do individualismo surge o **espírito solidário**. Na literatura infantil isso se reflete na substituição do herói infalível por grupo formado por homens ou meninos normais (ex:o homem aranha). Nessa nova perspectiva, há o **questionamento da autoridade** como poder absoluto, afinal existe a consciência da relatividade e da transformação contínua das leis da vida. Não há verdade absoluta. Assim, busca-se um equilíbrio dialético nas contradições e questionamentos. Para tanto, é empregada a **moral da responsabilidade** do eu que considera também a relatividade universal. O **sistema social** encara o trabalho como realização existencial, não apenas com fins econômicos. A sociedade antes sexófoba passa a sexofilia.O **sexo** assumido como natural torna-se livre, “desemcabando para a libertinagem” (COELHO, 2002, p. 25). As mudanças ocorreram também na **concepção da vida** que passa a ser encarada como contínua, valorizando a intuição, o imaginário. Ao se considerar a diversidade como produção de múltiplas culturas, percebe-se a postura **anti-racista**. Nessa nova perspectiva, a **criança** é vista como um ser em formação. Enfim, estes são os cenários do passado tradicional e do “presente” renovador da sociedade que, conseqüentemente, influencia na escrita literária, inclusive na infantil, e na concepção docente de ensino.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um galo sozinho não tece uma manhã;
Ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que lê
E o lance a outro;
De um outro galo
Que apanhe o grito que um galo antes
E o lance a outro
E de outros galos
Que com muitos outros galos se cruzem
Os fios de sol de seus gritos de galo,
Para que a manhã, desde uma teia tênue,
Se vá tecendo, entre todos os galos
E se encorpando em tela, entre todos,
Se erguendo tenda, onde entrem todos,
Se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, todo de um tecido tão aéreo
Que, tecido, se eleva por si: luz balão. (J. C. de Melo Neto)

Tecer leituras a partir dos ecos de textos, conversas partilhadas, reflexão, introspecção, discussão é uma nova e produtiva concepção de leitura. Independente do suporte, o que faz o leitor é o questionar, envolver-se e recriar sua visão de mundo.

Muito mais que o limite da simples decodificação, é transpor-se para o mundo da leitura em todas as possibilidades contidas no ato de ler, o que vai da palavra escrita até a contação de histórias. Como bem disse, Demo (2006, p.27) “Leitura bem feita é formativa, no sentido de que reestrutura idéias e expectativas, reformula horizontes. Nem toda leitura precisa ser assim tão séria, mas toda leitura bem feita ocorre sob o signo do questionamento, porque, quem não sabe pensar, acredita no que pensa. Mas, quem sabe pensar, questiona o que pensa”. Permitir que o educando faça suas escolhas literárias a partir de um leque disposto pelo professor, a fim de que a fruição e a interpretação seja a principal razão da leitura é fundamental. Nessa perspectiva, o professor torna-se um mediador entre o texto e o aluno-leitor, considerando a leitura no seu sentido mais amplo e utilizando o livro não apenas com a finalidade de responder a questionários, ou trabalhar a gramática. Além disso, o docente valorizará a cultura oral pré-existente no cotidiano de seu alunado, fazendo uma ponte entre as tradições orais e escrita, estimulando-os a ler, seja um livro, uma gravura, um sorriso ou o mundo.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Ricardo. Formas literárias populares e formação de leitores. In: BARBOSA, Márcia; RÖSING, Tânia; RETTENMAIER, Miguel (Org.). **Leitura, identidade e patrimônio cultural**. Passo Fundo: UPF, 2004.p. 155-9.

ABREU, Márcia. Diferentes formas de ler. In: PERUZZO, Cicilia M. K.; ALMEIDA, Fernando Ferreira (Org.). **A mídia impressa, o livro e as novas tecnologias**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2002. p. 125-135.

ABREU, Márcia. Diferença e desigualdade: preconceitos em leitura. In: MARINHO, Marildes (Org.). **Ler e navegar: espaços e percursos da leitura**. Campinas: Mercado de Letras: associação de leitura do Brasil- ALB, 2001.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise e didática**. 7.ed. São Paulo: Moderna, 2002.

DEMO, Pedro. **Leitores para sempre**. Porto Alegre: Mediação, 2006.

FERREIRA, Norma Sandra Almeida. Histórias de leituras. In: SILVA, Lilian Lopes Martin da (Org.) **Entre Leitores: Alunos e Professores**. Campinas: Escrita Arte, 2001.

MORAES, Ana Alcídia de A. Histórias de leituras em narrativas de professoras: uma alternativa de formação. In: SILVA, Lilian Lopes Martin da (Org.) **Entre leitores: Alunos, Professores**. Campinas: Escrita Arte, 2001.

NETO, João Cabral de Melo. **Tecendo a manhã**. Disponível em: <<http://www.sescpr.com.br/ventos/pensadores/erspectiva.htm>>. Acesso em: 06 jun. 14.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6.ed. Porto Alegre: ARTMED, 1998.